

Disse-lhe Jesus: ninguém que põe sua mão no arado e olha para [as coisas de] trás é apto para o reino de Deus.

Lucas 9:62

Acima

A fim de que nos promovamos à condição de obreiros mais eficientes, na Seara do Cristo, é forçoso observar a vida acima de nossas impressões superficiais.

Para isso, ser-nos-á necessário:

mais do que ver – refletir;

mais do que escutar – compreender;

mais do que estudar – aprender;

mais do que trabalhar – servir;

mais do que obedecer – cooperar espontanea-

mente em apoio aos semelhantes;

mais do que administrar – harmonizar;

mais do que crer – raciocinar;

mais do que esclarecer – discernir;

mais do que escrever – elevar;

mais do que falar – construir;

mais do que comentar – melhorar;

mais do que saber – transmitir para o bem;

mais do que informar – educar;

mais do que desculpar – esquecer o mal;

mais do que desincumbir-se – auxiliar para a felicidade geral.

Todos temos ideias e possibilidades, escolhas e relações, crenças e luzes. E se é muito importante guardar equilíbrio para desfrutar semelhantes bênçãos, em nosso progresso de espíritos imortais, ante as Leis de Causa e Efeito, é muito mais importante ainda saber o que estamos fazendo por elas e com elas.

(*Aulas da vida*. Ed. IDEAL. Cap. 26)

O arado

Aqui, vemos Jesus utilizar na edificação do reino divino um dos mais belos símbolos.

Efetivamente, se desejasse, o Mestre criaria outras imagens. Poderia reportar-se às leis do mundo, aos deveres sociais, aos textos da profecia, mas prefere fixar o ensinamento em bases mais simples.

O arado é aparelho de todos os tempos. É pesado, demanda esforço de colaboração entre o homem e a máquina, provoca suor e cuidado e, sobretudo, fere a terra para que produza. Constrói o berço das sementeiras e, à sua passagem, o terreno cede para que a chuva, o sol e os adubos sejam convenientemente aproveitados.

É necessário, pois, que o discípulo sincero tome lições com o divino Cultivador, abraçando-se ao arado

da responsabilidade, na luta edificante, sem dele retirar as mãos, de modo a evitar prejuízos graves à “terra de si mesmo”.

Meditemos nas oportunidades perdidas, nas chuvas de misericórdia que caíram sobre nós e que se foram sem qualquer aproveitamento para nosso espírito, no sol de amor que nos vem vivificando há muitos milênios, nos adubos preciosos que temos recusado, por preferirmos a ociosidade e a indiferença.

Examinemos tudo isso e reflitamos no símbolo de Jesus.

Um arado promete serviço, disciplina, aflição e cansaço; no entanto, não se deve esquecer de que, depois dele, chegam sementeiras e colheitas, pães no prato e celeiros guarnecidos.

(*Pão nosso*. FEB Editora. Cap. 3)